

# CORPO E(M) DISCURSO: PRÁTICA PEGAGÓGICA DE LEITURA EM FOCO\*

Rafael de Souza Bento FERNANDES\*\*

## RESUMO

Esse estudo, pautado na abordagem discursiva de leitura, tem por pretensão discutir e propor uma prática pedagógica direcionada ao ensino superior tendo o corpo como materialidade significativa no tocante a processos de subjetivação. Em um primeiro momento, apresentaremos alguns aspectos teóricos da análise do discurso em Foucault (2005; 2008). Em seguida, faremos uma breve análise de materialidade, bem como trataremos dos dois questionamentos norteadores que constituem a atividade. Tais reflexões, se aplicadas à dinâmica da sala de aula na concretude de uma atividade com/de linguagem, não permitem supor um texto autossuficiente (modelo ascendente), um leitor pleno que detém a “chave mestra” da interpretação (modelo descendente) ou uma relação autor-texto-leitor pautada na premissa da desconstrução de estratégias (modelo interacionista). Importa desvelar, descrever, compreender a articulação dos elementos (aparentemente dispersos, descontínuos) que funcionam como regra e que configuram as condições de existência de um regime de verdade na confluência da história. A contribuição da análise do discurso às práticas de leitura na escola, assim, é a possibilidade de manter uma relação menos ingênua com a linguagem.

## PALAVRAS-CHAVE

Práticas de Leitura; Corpo; Análise do Discurso.

---

\* Esse artigo foi desenvolvido como parte das atividades da disciplina “Leitura e Ensino”, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Dias di Raimo.

\*\* Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Letras pela UNIOESTE. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso da UEM- GEDUEM/CNPq. E-mail: rafaelbfernandes@hotmail.com.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há uma vasta produção acadêmica sobre modelos de leitura escolar que, direta ou indiretamente, derivam da multiplicidade das teorias da linguagem e das teorias de educação. Segundo Kato (1992), a ênfase do processo de atribuição de sentidos, em um primeiro momento, recaiu sobre o *texto* (modelo ascendente), cujos elementos constituintes revelariam as interpretações “corretas” que o leitor deveria ser capaz de apreender. É desse pressuposto que derivam algumas apostilas de alfabetização (RAIMO, [s.d.]) e os enunciados didáticos como “Ivo viu a Uva”. Sem uma “cena enunciativa”, ou mesmo um sujeito, os enunciados resvalam numa percepção de leitura que se restringe a decodificação de suas unidades (nesse caso, da forma escrita da “família silábica” do fonema fricativo /v/).

Do outro lado extremo, o leitor (modelo descendente) é o principal ator do jogo interpretativo, que se desenrola por meio das inferências, deduções e conhecimentos acionados no momento da leitura. Se tudo deriva do leitor e nada do texto, podemos atribuir qualquer sentido à materialidade, desde que respeitadas as vivências do aluno. “Qual sua opinião sobre...?”, “O que você acha de...?” são algumas das perguntas prototípicas de atividades que têm por base essa premissa.

Uma terceira via (modelo interacionista) articula *leitor-texto-autor* de tal modo que o texto é compreendido como processo e não como um produto acabado, fechado em si. O autor, que não é imune aos influxos da histórica, tem um “projeto de dizer” e, como um estrategista, enuncia. O leitor, munido de uma série de conhecimentos, atravessado por valores ideológicos e projetando uma imagem do autor e de si (“Quem é ele para me dizer o que diz?”/ “Quem sou eu para que ele me diga o que diz?”), desencadeia o processo de interpretação no momento único da enunciação (o “elo” da cadeia enunciativa).

Geraldi (1997a; 1997b) se apropriou dos pressupostos dialógicos de linguagem do círculo de Bakhtin e os aplicou ao ensino de língua materna, concebendo uma base epistemológica (reproduzida nas Diretrizes Básicas da Educação- DCEs) e metodológica para a perigosa (e urgente) entrada de textos na sala de aula. No que diz respeito à leitura, há três movimentos: (I) decodificação dos elementos superficiais (sem os quais não se é possível desenvolver uma leitura coerente, isto é, respaldada pela materialidade); (II) compreensão das relações intratextuais (as operações da/na língua) e intertextuais (na relação de sentidos das múltiplas vozes que constituem o todo absolutamente heterogêneo do texto) e (III) confrontação dos sistemas de referência (o momento de devolver a voz ao aluno e fazê-lo refletir sobre as ideologias do texto).

Tendo por base a tradição da Análise do Discurso de orientação francesa (AD), Coracini (2005) teceu críticas à concepção de leitura como decodificação (presente principalmente na escola) e à concepção de leitura como interação (presente principalmente na academia). Se a decodificação - categoria em que poderíamos incluir os modelos ascendente e descendente - peca pela simplicidade e restrição dos fenômenos de linguagem (que são neutralizados na artificialidade dos manuais didáticos), a proposta interacionista, segundo a teórica, cai na ilusão da unicidade do sujeito, “senhor” dos sentidos e dono dos seus próprios dizeres. Na concepção de sujeito (que orienta a “didatização” das atividades escolares) está o problema.

Parafraseando Ferreira-Rosa (2012), abordar a questão do sujeito nas ciências humanas sobre a língua(gem) é uma tarefa complexa, uma vez que há muitos deslocamentos filosóficos e conceituais sobre a subjetividade, assim como sobre as formas de compreender o homem frente ao mundo (real, ideal, imaginário) e frente às relações travadas entre esse homem com o mundo e seus objetos. O autor, a partir do estudo de Ivan Domingues, reuniu as concepções de sujeito construídas historicamente no interior de modelos teóricos em quatro grandes categorias. A primeira refere-se ao mundo cosmológico da Antiguidade Clássica, no qual o homem é compreendido “nos crivos de uma interioridade intrínseca” e deve buscar sua essência por meio de processos de autocontemplação, como no axioma filosófico de Sócrates “conheça-te a ti mesmo”.

O segundo deriva da Idade Média e tem como princípio norteador a subordinação aos desígnios da providência divina, no seio dos mistérios da doutrina da criação. O deslocamento efetua-se de um “conhecimento de si” até uma sujeição à religião, que tem como propósito salvar o homem da “perdição” e do “pecado original”. Na Modernidade, o sujeito adquire estatuto de “ser autônomo”. Essa autonomia se dá por meio da construção de mecanismos tecnológicos e científicos que garantem domínio sobre o meio natural em uma relação altamente mecânica, em que leis e dados naturais são forças motrizes de entendimento do universo. É o tempo das revoluções industriais e da filosofia positivista de Augusto Comte.

Esse “centramento da natureza no homem”, parafraseando Ferreira-Rosa (2012), sofreu sérios abalos com o advento da teoria marxista e da teoria freudiana. O sujeito não é dono nem de sua própria liberdade, uma vez que está submetido a um sistema que lhe furta todas as forças em nome da lógica perversa do capital (em termos da crítica marxista) e tampouco é dono de sua própria vontade, já que é condicionado por um inconsciente que determina até seus desejos, que o homem não controla.

As concepções de homem como (I) alma cósmica universal, (II) ser do pecado, (III)

homem-máquina e (IV) sujeito descentrado respaldam concepções de subjetividade no bojo das ciências da linguagem, conforme a análise do autor, que parte do Estruturalismo até chegar à Análise do Discurso. Saussure, ao se preocupar com o sistema linguístico e excluir a fala de seus estudos (o quesito “individual”), fechou seu modelo teórico no âmbito da abstração e da homogeneidade, sem considerar a exterioridade da produção verbal. Chomsky, por sua vez, adotou o sujeito como um “falante ideal”, aquele que tem a capacidade inata para linguagem (a competência) e que, em função disso, pode produzir um sem-número de expressões linguísticas por combinação de sintagmas “gramaticais” (o desempenho). As teorias funcionalistas, que provocaram uma ruptura em relação ao modo pelo qual se compreendia a linguagem até então, adotaram a concepção de sujeito como indivíduo “pleno de consciência”, que trabalha a linguagem ao seu favor, em nome de “intenções”, próprias do momento da enunciação (ou, posteriormente, da interação verbal).

Por sua vez, no entremeio da linguística, da psicanálise e do materialismo histórico, Michel Pêcheux, com a publicação da *Análise Automática do Discurso*, em 1969, criticou veementemente tais teorias da “consciência criadora” (como a semântica formal e a psicologia social), considerando-as redutoras por negligenciarem o contexto histórico-ideológico que determina as práticas dos homens submetidas ao complexo das dinâmicas sociais. No cruzamento da língua, da ideologia, do inconsciente e da história, concebe-se, no quadro teórico da AD, um *sujeito descentrado*:

Desse modo, diferentemente de um sujeito livre e dominador de suas vontades de forma plena, uno, central e origem da produção de sentidos, um sujeito intencional, portador de extraordinárias capacidades de criação, o sujeito da AD é clivado, cindido, interpelado pelas condições de produção discursiva, dinâmico e heterogêneo, constituído na interação histórico-social. (FERREIRA-ROSA, 2012, p.16).

As críticas de Pêcheux (2009), retomadas por Coracini (2005), são contundentes: as filosofias da subjetividade criadora são tão absurdas quanto é a história do barão de Barão de Münchhausen, que se içava pelos próprios cabelos (metaforicamente como os dizeres, aquém das determinações ideológicas). Perguntamos: se o sujeito não é uma entidade mecânica, livre de determinações (ou, nos termos da teoria pêcheuxtiana, cindido pelo inconsciente e interpelado pela ideologia), tomar o paradigma do escritor/ enunciador, nas atividades escolares que envolvem linguagem, estritamente como o esteio em que se ancora um texto, cujos movimentos são calculados por meio de “estratégias linguísticas”, não é, também, um modo de coibir o acesso

aos sentidos possíveis no momento de leitura? O viés discursivo, o quarto caminho, problematiza, assim, a pergunta “O que o autor quis dizer?”.

Esse estudo, pautado na abordagem discursiva de leitura, tem por pretensão discutir e propor uma prática pedagógica direcionada ao ensino superior tendo o corpo como materialidade significante no tocante a processos de subjetivação. Em um primeiro momento, apresentaremos alguns aspectos teóricos da análise do discurso, prioritariamente em Foucault (2005; 2008). Em seguida, faremos uma breve análise de materialidade, bem como trataremos dos dois questionamentos norteadores que constituem a atividade (ANEXO I). Em função dos limites e objetivos do artigo não problematizaremos as quatro categorias apresentadas sobre as concepções de leitura e suas relações com as teorias da linguagem e com as teorias de educação.

## TEORIA GERAL DA DESCONTINUIDADE

Uma leitura discursiva se assenta na premissa de que a linguagem não é capaz de “dizer” o mundo numa relação saussuriana direta de significado e significante. Há deslizos, opacidades, “deformações”, de modo que, à luz do entorno sócio ideológico, uma palavra pode significar, inclusive, o contrário de seu significado dicionarizado (supostamente estável).<sup>1</sup>

Da concepção inessencial de linguagem (que se opõe à tradição platônica da *doutrina das formas*; do sentido verdadeiro a ser atingido pela contemplação filosófica), deriva a análise do discurso - uma disciplina de entremeio, cujo objeto é a relação do simbólico e do político no que tange à questão dos sentidos ou, ainda, uma teoria que ensina a ler o “real” sob a superfície ambígua e plural do texto.

Segundo Pêcheux (2009), as batalhas ideológicas que se desenvolvem através das unidades da língua são construídas pelas relações contraditórias que mantêm entre si “processos discursivos”, na medida em que estes se inscrevem em relações ideológicas de classes. A linguagem é a condição para que o discurso se materialize (termo que remete ao materialismo histórico dialético) e, portanto, é opaca, imersa em espaços de equívoco pelos quais os indivíduos são interpelados em sujeitos (nos termos de Althusser).

---

<sup>1</sup> Coracini (2005) apoia a perspectiva discursiva na tradição da análise do discurso pècheuxiana. Propomos um deslocamento teórico para o quadro epistemológico da descrição arqueogenealógica de enunciados em Michel Foucault (2005; 2008), tendo em vista a natureza do objeto (o corpo) que utilizamos para composição da prática pedagógica direcionada ao ensino superior.

O conceito de opacidade refere-se ao fato de que não há sentido literal ou unívoco. A língua, como “ritual com falhas”, é atravessada *por formações discursivas*: regiões do interdiscurso que ditam o que o sujeito pode ou não dizer em certa conjuntura dada. Por isso, ainda em conformidade com Pêcheux (2009), para que as palavras façam sentido é necessário que elas já façam sentido, que estejam inseridas na história, pois cada tempo tem uma maneira particular de nomear e interpretar o mundo – esse é um processo de memória. O “processo de memória”, segundo Gregolin (2007), quando é mediado por dizeres, imagens e anúncios da mídia edificam identidades e subjetividades que cumprem o papel de (i)legitimar certos discursos em circulação, que modelam a história do presente.

Assim, urge a necessidade, como preconiza o método arqueogenalógico para descrição de enunciados de Foucault (2008, p. 55), de se “desfazer os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas”, destacando o conjunto de regras próprias dos discursos. É importante que se desconfie dos “universais antropológicos”, conforme propõe o filósofo, e que se examinem as práticas discursivas que compõe dada formação histórica, a fim de que se revelem os regimes de verdade nos quais estas se inscrevem. Tal procedimento cria as condições para mostrar o modo como um discurso põe em jogo uma infinidade de elementos como os costumes, as palavras, os saberes, as normas, as leis, as instituições, dado que as práticas discursivas não são “sempre assim” e o “real” é construído, não existe a priori.

Tudo na história é singular, nada é universal; isto é, não existem verdades absolutas. Segundo Veyne (2008), é como se os contemporâneos estivessem presos a um aquário, cujos limites fossem falsamente transparentes. Em outros termos, os sentidos transitam pela história, ligados à difusão das formações discursivas que lhes dão sustentação e que configuram o “dizível”. O “sentido original” (a “fala de Adão”) inexistente. A remanência dos enunciados se deve a sua condição própria de “se conservar[e]m graças a um certo número de suportes e de técnicas materiais (de que o livro não passa, é claro, de um exemplo), segundo certos tipos de instituições (entre muitas outras, a biblioteca) e com certas modalidades estatutárias (que não são as mesmas quando se trata de um texto religioso, de um regulamento de direito ou de uma verdade científica)” (FOUCAULT, 2008, p.140).

Aquilo que somos, assim, provém de uma historicidade profunda, que se funda sob regimes de (in)visibilidades no cerne das práticas discursivas. Essas práticas estabelecem a verdade do tempo: um processo coercitivo e produtor de efeitos regulamentadores de poder que definem, em uma determinada época e para uma determinada sociedade, o certo e o errado, o bom e o ruim, o justo e o injusto, o que se é permitido dizer e fazer ou não.

Parafrazeando Gregolin (2004), o objetivo de Foucault foi produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura; o método arqueológico tem por finalidade descrever a proliferação dos acontecimentos discursivos, na irrupção de enunciados singulares, que se desenvolvem no campo imenso das possibilidades num tempo e num lugar.

O movimento se pauta na recusa à História Tradicional (ou História das Ideias) a qual interessa as “grandes bases imóveis e mudas que o emaranhado das narrativas tradicionais recobriria com toda uma densa camada de acontecimentos” (FOUCAULT, 2008, p.3). Essa perspectiva reúne os acontecimentos em blocos homogêneos, cujos percalços, contradições, desvios das regras estabelecidas são mal vistas e, sempre que possível, camuflados. O percurso epistemológico proposto por Foucault (2008), em oposição, desconfia das unidades rígidas de sentido (em agrupamentos problemáticos como “obra” e “livro”) e focaliza a descontinuidade em sua estreiteza e especificidade como critério reflexivo-analítico. Trata-se, assim, de uma “teoria geral da descontinuidade”.

Dito de outra forma, a Foucault (2008) interessa compreender os sistemas de enunciado que “caminham juntos” e que se comunicam por positivities, cujas identidades formais caracterizam uma dada prática discursiva no tempo e no espaço na confluência de elementos como instituições, acontecimentos políticos, processos econômicos, etc. Esse emaranhado de relações – o nó numa rede – não acontece de forma caótica, mas corresponde a uma ordem: não é qualquer um, em qualquer lugar que pode dizer qualquer coisa. Das relações de poder (conceito esse ressignificado em relação ao quadro ortodoxo da teoria marxista e mesmo em relação a sua aceção em Pêcheux) deriva o pressuposto segundo o qual “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2005 p.10).

Tais reflexões, se aplicadas à dinâmica da sala de aula na concretude de uma atividade com/de linguagem, não permitem supor um texto autossuficiente (modelo ascendente), um leitor pleno que detém a “chave mestra” da interpretação (modelo descendente) ou uma relação autor-texto-leitor pautada na premissa da desconstrução de estratégias (modelo interacionista). Importa desvelar, descrever, compreender a articulação dos elementos (aparentemente dispersos, descontínuos) que funcionam como regra e que configuram as condições de existência de um regime de verdade na confluência da história. Talvez a contribuição da análise do discurso às práticas de leitura na escola seja a possibilidade de manter uma relação menos ingênua com a linguagem.

Trataremos, a seguir, do corpo como materialidade significativa e, em seguida, proporemos a prática pedagógica de leitura direcionada ao ensino superior.

## UM CORPO-ROUPA: PRÁTICA PEDAGÓGICA DE LEITURA

Foucault (2008) interroga a tradição dos estudos linguísticos demonstrando os limites da gramática e da lógica no estabelecimento do conceito de enunciado. Basicamente, não basta um agrupamento de signos para constituir enunciado, assim como não basta a adequação frasal ou seu “valor de verdade”. Dois exemplos do filósofo: “Incolores ideias verdes dormem furiosamente” (FOUCAULT, 2008, p.101); é correta sob o ponto de vista frasal, mas é enunciado? E: “A montanha de ouro está na Califórnia” (*op cit.*); se a montanha não estiver na Califórnia não é enunciado?

Essas discussões não lhe dizem respeito porque enunciado não é *estrutura*, mas *função* de existência de signos que fazem sentido conforme os critérios (as regras) de uma dada conjuntura (histórico-político-social). Enunciado é uma função que cruza: (I) domínio de estruturas; (II) domínio de unidades possíveis; (III) conteúdos concretos no tempo e no espaço. Tomemos o exemplo abaixo (utilizado, posteriormente, na composição da prática de leitura):

**Figura 1.** Anúncio de academia.



**FONTE:** Fotografia do autor. Cidade de Maringá-PR (Zona 1).



Esse anúncio consta de uma academia de ginástica do município de Maringá-PR para divulgação de seu pacote de preço mais barato. Sobre as imagens e os dizeres, perguntamos: a que se refere a palavra “moda” como objeto do discurso concebido no ato de sua efetivação? E o que se pode dizer da palavra “forma”? Quais efeitos de sentido do atravessamento de dois campos enunciativos aparentemente tão díspares que relacionam moda, bem-estar e fazem alusão (pela positividade da FD) à saúde física?

Sustentamos a tese de que o princípio do esforço pessoal em academias (a possibilidade de vestir aquela roupa, de ter aquele corpo), materializado na assertiva *No Pain, No Gain*, estampada em outdoors, roupas de treino e constantemente reiterada por imagens na internet, atua como um *dispositivo* na medida em que tem a capacidade de capturar, determinar, modelar, interceptar, assegurar e controlar os gestos, as opiniões e as condutas dos seres vivos para a produção de verdades (AGAMBEN, 2009), que orientam, nesse caso, uma relação “óbvia e natural” entre objetos do discurso (os laços aparentemente tão fortes): o sucesso pessoal, o desenvolvimento físico e o treinamento. Esse é, em termos foucaultianos (REVEL, 2011, p. 144), um processo “subjetivação”, ou seja, de construção (midiática, nesse caso) de um sujeito representado no/pelo discurso que, por meio de série de técnicas de si (como práticas de treinamento e de alimentação), assegura a própria existência.<sup>2</sup>

Vigarello (2011) esmiúça essas relações históricas entre “treinamento físico” e “desenvolvimento pessoal” e alerta para o fato de que este é um pressuposto recente: mais precisamente, uma invenção do século XX<sup>3</sup>. Parafraseando o autor, as enciclopédias domésticas do começo do século passado contribuíram para a profusão de práticas físicas que prometiam um “corpo mais flexível, mais harmonioso e mais belo” ao passo que os aspectos “força” e “resistência” (restrita ao corpo masculino) derivavam principalmente das necessidades bélicas do corpo do soldado.

Nesse ínterim, uma palavra se impôs: “treinamento”, que antes era restrita somente à preparação de cavalos de corrida. Aos esportistas, aplicaram-se tabelas de pontuação que controlavam a progressão, o resultado, a dosagem e o esforço. As profusões de medidas e dos novos aparelhos de ginástica deram início ao que Vigarello (2011) denomina de “fascínio

<sup>2</sup> Parte das discussões sobre o entrecruzamento dos campos associados religioso, médico e mercadológico no que tange aos regimes de exclusão do corpo masculino gordo em anúncios de academias de ginástica foram examinados com maior profundidade em “O discurso do corpo fracassado: notas preliminares de pesquisa” (2015) (no prelo).

<sup>3</sup> O que não quer dizer, no entanto, que nunca houve antes na história práticas de treinamento físico relacionadas aos esportes. A “invenção” refere-se ao que o autor denomina de “corpo tecnicizado”, atravessado pelos modelos da sociedade industrial.

técnico”. O efeito foi o estabelecimento de um corpo tecnicizado, atravessado por modelos industriais de motricidade e de biomecânica.

O conceito de esporte como lazer, do “corpo primaveril”, despreocupado se banaliza face à máxima de “faça o seu corpo”, modele-se, cultive-se. O peso é declarado sinal prejudicial de saúde de modo que o excesso poderia levar ao óbito. Vigarello (2011) cita um estudo de 1938 (que tem por fonte *Votre beauté*) que relaciona cinco causas de mortalidade (apoplexia, doença cardíaca, doença do fígado, doença dos rins e diabetes) a três grupos: magros, normais e gordos. Segundo o estudo, os magros seriam quatro vezes menos propensos ao óbito do que gordos. A obesidade que, até então, esteve à margem da categoria de doença vira um patologia de risco “muito grave”.

Há, nesse paradigma, uma mudança de representações a partir do século XX que converte o desenho anatômico, intervindo em “novos” padrões de beleza. Segundo as curvas do anatomista e escultor Paul Richer, por exemplo, há uma série de defeitos contínuos relacionados à engorda como o

[...] crescimento progressivo das bolsas sob os olhos, o aumento progressivo do tamanho do queixo duplo, a perda progressiva do perfil arredondado dos seios, os pneuzinhos dos quadris, o engrossamento das coxas, o afundamento do sulco das nádegas. O desenho anatômico converte o tempo em figura, detalhando os momentos decisivos da queda: não somente as diferenças graduais entre as espécies animais, mas as diferenças graduais entre o aumento do peso das carnes, a queda insensível das peles, o desmoronamento insensível dos traços. A linha caída suscita, em outras palavras, o investimento numérico. As curvas mais pesadas, até aqui negligenciadas pela ciência, tornam-se objeto de suas prospecções: curiosidades de anatomista e de médico. (VIGARELLO, 2011, p.219).

A concepção do “corpo objetivo”, constituído pela *episteme* médica ocidental, recheado de órgãos e vísceras, cujo funcionamento mecânico se dá de uma forma impecável (e se falha, há a doença) sublinhado por Novaes (2011), nesse caso, dispersa-se para algo que vai além dos desígnios da saúde e do bem estar. O corpo gordo, segundo o domínio médico e a partir de um dado estado da constituição de saberes, transforma-se num corpo doente. No caso, é o “corpo-roupa” que a propaganda pressupõe que você esteja usando e queira se livrar.

Sob essas prerrogativas e regidos pelo dispositivo *No Pain, No Gain*, aqueles que conseguem cruzar o horizonte do “desprestígio corporal” ascendem como novos heróis aclamados na internet. Um efeito comum é que os jornalistas, em nome da suposta curiosidade dos seus leitores, tentam desvendar os segredos desses exemplos de vida e de postura moral. Esse

é o caso do músico que “levou o pé na bunda” da namorada e, segundo reportagem, em função disso, perdeu trinta e um quilos.

**Figura 2.** Antes e depois.



**FONTE:** Portal R7 Mulher. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/mulher/fotos/pe-na-bunda-emagrece-abandonado-por-namorada-musico-perde-31-kg-agora-sou-assediado-na-balada-12122014##!/foto/1>>. Acesso em 7 jun. 2015.

Há uma iconografia específica para essa mostra de sucesso pessoal veiculada na web (e compartilhada aos milhares no *Facebook*): o jeans antigo que não serve mais, a foto do antes e do depois e o sorriso ausente no “antes” e presente no “depois”. Segundo o processo discursivo, esse já não é mais um corpo doente, deformado pela gordura (como indicavam as curvas de Richer, já no começo do século XX) e marcado pela falta de tessitura moral.

Outrossim, uma propaganda, para ser eficaz, segundo Chauí (2006), requer duas operações diferentes: deve, por um lado, afirmar que o produto possui os valores estabelecidos pela sociedade em que se encontra o consumidor e precisa despertar desejos que o consumidor

sequer sabia que tinha. Em seus começos, do final do século XIX até a metade do século XX, a propaganda comercial, basicamente, sublinhava e elogiava as qualidades do produto. Conforme exemplifica Chauí (2006), o comercial apresentava os efeitos curativos dos remédios, os efeitos higiênicos do sabão, o conforto de uma mobília, o bom gosto de uma peça de roupa, etc.

No entanto,

Com o aumento da competição entre produtores e distribuidores, com o crescimento do mercado da moda, com o advento da sociedade pós-industrial, cujos produtos são descartáveis e sem durabilidade (a “sociedade pós-industrial é a sociedade do descarte”), e de consumo imediato (alimentos e refeições instantâneas), e sobretudo à medida que pesquisas de mercado indicam que as vendas dependiam da capacidade de manipular desejos nele, a propaganda comercial foi deixando o produto propriamente dito (com suas propriedades, qualidades, durabilidade) para afirmar os desejos que ele realizaria: sucesso, prosperidade, segurança, juventude eterna, beleza, atração sexual, felicidade. Em outras palavras, a propaganda ou publicidade comercial passou a vender imagens e signos e não as próprias mercadorias. (CHAUÍ, 2006, p.39).

Portanto, pague os R\$ 99,90 (ou a partir de) e você poderá vestir aquela roupa corporal da moda, a moda do estar/parecer bem. A tendência de “estar em forma” se marca pela exclusividade - no sentido de que exclui o contingente gordo, atributo de desprestígio - e, ao mesmo tempo, pela universidade – já que qualquer um pode gozar dessa forma, desde que pague o preço da roupa na vitrine. É como se, por um efeito de interpelação, nos dissessem “Tire esse trapo que você está usando, te prometemos algo melhor!”: eis um discurso mercadológico.

As especificidades das atividades do analista do discurso diferem da prática pedagógica de análise do discurso, uma vez que, como preconiza a tradição de estudos de perspectiva construcionista e sócio-interacionista (as quais não discutiremos em função dos limites do artigo), não basta apresentar a leitura pronta e acabada num bloco rígido. É necessário dar condições para que o aluno possa desenvolver o próprio caminho interpretativo com bases nos elementos da superfície da materialidade.

Esse é o motivo pelo qual desenvolvemos duas questões norteadoras para a uma prática reflexiva de leitura ancorada na base epistemológica do discurso. Reconhecemos, no entanto, que numa interação real de sala de aula há outros elementos que devem ser observados para além dos instrumentos didáticos e não dispensamos, de forma alguma, um trabalho anterior de reflexão da natureza do discurso em Michel Foucault (2005; 2008), e posterior de “negociação” e validação de sentidos:

**QUADRO 1.** Prática pedagógica de Leitura.

1 - Tendo por base o enunciado “A moda é ficar em forma”, discorra sobre o atravessamento dos campos do vestuário e da saúde no que diz respeito à questão mercadológica da academia.

2- Há duas representações de corporeidade no anúncio (uma do logo da academia e a outra projetada sobre o cabide, como uma roupa). Confronte tais aspectos imagéticos com o enunciado “A moda é ficar em forma” e responda: quais são relações de sentidos possíveis?

**FONTE:** Autoral.

A pergunta número um tem por intencionalidade pedagógica propiciar a reflexão sobre a materialidade do enunciado em função dos *campos associados*, reconhecendo que os dizeres e imagens que compõe o anúncio não são livres, neutros ou independentes, mas organizam-se em séries, cujas margens caracterizam uma situação e determinam os seus sentidos. O questionamento tem por objetivo refletir sobre o efeito de contexto dos campos de utilização e das condições de existência enunciativa.

Já a pergunta dois se refere à análise do processo de subjetivação do corpo que extrapola os limites do signo verbal e propicia que o aluno se debruce sobre a produção de sentidos da base imagética (característica, aliás, das discursividades contemporâneas).

### **UMA ROUPA APERTADA**

O propósito do artigo foi apresentar e sustentar uma possível prática pedagógica a ser realizada num contexto de ensino superior (em Ciências Humanas ou, mais especificamente, no curso de Letras). Tratamos de algumas questões principalmente relacionadas ao discurso para o estabelecimento de um exercício analítico de leitura. Ressaltamos, na discussão, a necessidade de se “desfazer os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas” - mote foucaultiano que, em certo sentido, preconiza a necessidade de, como professores de língua, possibilitar leituras complexas para os fenômenos da linguagem que nos atravessam e nos constituem o

tempo todo – antes mesmo do nascimento (“É menino ou é menina?”) e até mesmo depois da morte (para isso que servem os epitáfios).

As materialidades contemporâneas midiáticas (como o caso do anúncio) não se restringem somente ao aspecto linguístico. O próprio corpo é aberto à possibilidade de interpretação, já que, assim como a língua, também é dado às determinações históricas, sociais, econômicas, estéticas, enfim (conforme discutimos em relação à palavra “treinamento”, base para a força do dispositivo *No Pain, no Gain*. Ainda que estudar o discurso não nos torne imune aos seus efeitos, compreender um enunciado como “A moda é estar em forma” é um exercício reflexivo que desvela a superficialidade de uma relação como essa. A roupa, afinal de contas, pode ser apertada demais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? e outro ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CHAUÍ, M. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CORACINI, M. Concepções de leitura na (pós) modernidade. In: LIMA, R. C. de C. P. (Org.). **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Unifeob, 2005.

FERNANDES; R.S.B.; TASSO, I. O discurso do corpo fracassado: notas preliminares de pesquisa. SEDISC- Seminários Discurso e Cultura. Palhoça: UNISUL, 2005. **Anais**. (no prelo).

FERREIRA-ROSA, I. Por um percurso epistemológico da noção de sujeito na linguística. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.9, nº1, p.9-20, jan./mar. 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 25ª. Ed. São Paulo: Layola, 2005.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do Saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GERALDI, J. W. Escrita, uso da escrita e avaliação. In:\_\_\_\_\_. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997a. (Coleção Na sala de aula).

\_\_\_\_\_. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997b. (Texto e linguagem).

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: **Revista Comunicação e Consumo**. São Paulo. Vol. 4. N.11. Nov. 2007. p.11-25.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NOVAES, J. V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: PRIORE, M.; AMANTINO, M. (orgs). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi (org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

RAIMO, L. C. F. D. **Concepções de leitura**: diferentes olhares para a língua e o texto. (no prelo).

REVEL, J. **Dicionário de Foucault**. Trad. Anderson Alexandre de Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

VEYNE, P. **Foucault**: o pensamento, a pessoa. Trad. Luís Lima. Lisboa: Albin Michel, 2008.

VIGARELLO, G. Treinar. In: Corbin, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (orgs.). **História do corpo**: as mutações do século XX. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

## ANEXO I – PROPOSTA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA DE LEITURA

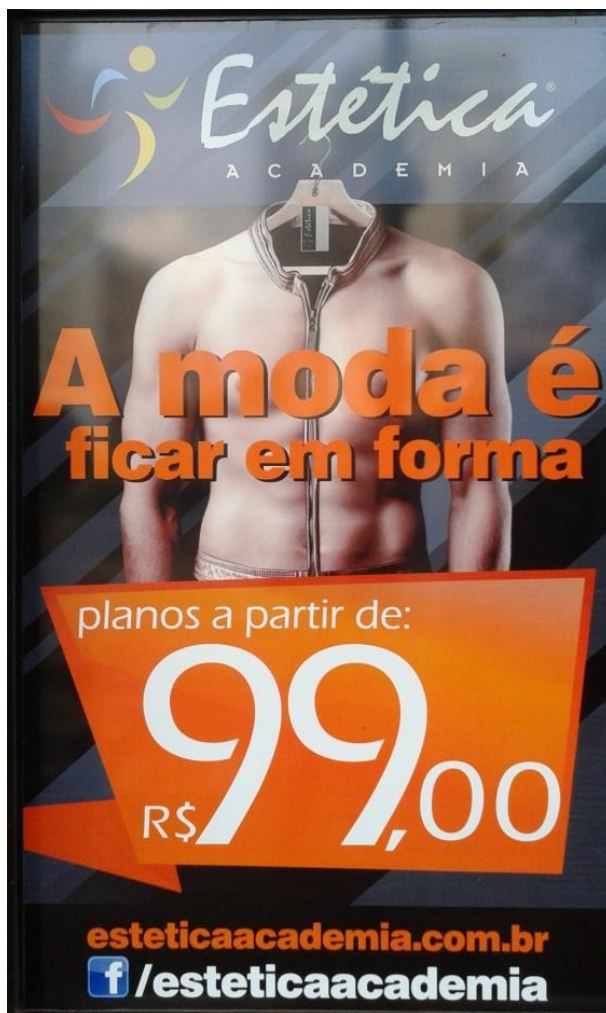


FIG. 1. CORPUS. FONTE: Fotografia do autor. Cidade de Maringá-PR (Zona 1).

1 - Tendo por base o enunciado “A moda é ficar em forma”, discorra sobre o atravessamento dos campos do vestuário e da saúde no que diz respeito à questão mercadológica da academia.

2- Há duas representações de corporeidade no anúncio (uma do logo da academia e a outra projetada sobre o cabide, como uma roupa). Confronte tais aspectos imagéticos com o enunciado “A moda é ficar em forma” e responda: quais são relações de sentidos possíveis?